



RITA VILELA

OS  
DESCENDENTES DE  
MERLIN

---

OS GUARDIÃES DOS  
MANUSCRITOS MÁGICOS

CLU  
BEI  
AUT  
OR



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990.

© 2013, Rita Vilela  
Direitos para esta edição:  
Clube do Autor, S. A.  
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º  
1050-019 Lisboa, Portugal  
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21  
info@clubedoautor.pt

Título: *Os Descendentes de Merlin*  
Autor: Rita Vilela  
Revisão: Silvina de Sousa  
Paginação: Maria João Gomes,  
em caracteres Aldine  
Impressão: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-105-5  
Depósito legal: 363837/13  
1.ª edição: Outubro de 2013

[www.clubedoautor.pt](http://www.clubedoautor.pt)



Às minhas amigas BPI,  
com quem partilho as aventuras do dia a dia



Foi numa aldeia onde nada acontecia que tudo começou... Foi aí que eu conheci o maior mago de todos os tempos, Merlin, e descobri a sua verdadeira missão em Camelot e o legado único que passou ao "sangue do seu sangue", aos seus doze filhos e aos filhos desses filhos que se lhes seguiram. Um legado mágico, valioso, que atraiu a cobiça de um inimigo cruel, e que transformou os seus guardiães em alvos de uma perseguição feroz, que ainda hoje se mantém.

Foi aí que soube que os descendentes de Merlin tiveram ao seu lado os Templários, numa aliança que levou ao nascimento de uma pequena nação, Portugal, e marcou o curso da sua História. Mais tarde, com a perda destes aliados, foram os maçons que avançaram na proteção da causa... e hoje também eu e os meus irmãos fazemos parte desse grande todo.

É esta aventura que vos quero contar, mas não se iludam. Apesar de na altura não passarmos de uns putos, este relato não é para crianças, os perigos que enfrentámos foram reais, e se agora me atrevo a falar neles, é porque muita coisa já mudou e eu próprio já cresci.



A Lina endireitou as costas, fez uma voz solene e começou a falar como quem recita um texto decorado:

*Desde que o ser humano aprendeu a escrever que existiram homens e mulheres a quem foi atribuída a tarefa de registrar os acontecimentos mais marcantes da história da humanidade, para que o tempo não destruísse a memória do que se passara. Escribas, apóstolos, trovadores, sábios, escritores, repórteres... são apenas alguns dos nomes por que esses heróis ficaram conhecidos.*

*Mas o que pouca gente sabe é que existiu uma linhagem desses eleitos que foi mais longe do que registrar por palavras o que se passou, e arranjou uma forma única de preservar os acontecimentos para a posteridade, uma técnica que permitia que eles pudessem não só ser lembrados, mas revividos.*

*O patriarca dessa linhagem, o primeiro dos verdadeiros guardiães da História, foi um mago poderoso, o mais poderoso de todos os tempos, a quem o seu pai deu o nome de Merlin.*



Nessa altura, a Dália interrompeu.

– Eu já ouvi falar no Merlin. Está ligado ao rei Artur e à Távola Redonda, não é?

– Normalmente quando se fala dele tem a ver com isso, sim. Só que quem acompanhou Artur nem sempre foi o verdadeiro Merlin. No início, foi, depois deixou de ser... embora nos momentos importantes ele estivesse sempre presente. Na realidade, quem trabalhou mais tempo junto de Artur foi um outro mago, um mago substituto bastante talentoso, mas que possuía outro nome de batismo.

– Outro nome? Que história é essa? Como é que tu sabes, Lina? – duvidou o Rodrigo, que, desde pequeno, era tão vidrado nas histórias do rei Artur, e gostava tanto de se imaginar como cavaleiro de Camelot, que houve um Natal em que toda a gente teve a mesma ideia e ele recebeu de presente cinco espadas *Excalibur* exatamente iguais.

– A minha família está ligada aos descendentes da única filha do verdadeiro Merlin – explicou a Lina. – E é por isso que sei que o Merlin desistiu da fama, glória e riqueza que conquistara ao colocar a sua magia ao serviço de Camelot, e pediu a um amigo que ocupasse o seu lugar, fazendo-se passar por ele.

– E porque faria uma coisa dessas? – questionou o Rodrigo, desconfiado.

– Por amor, meus amigos. Por amor!



## Uma casa vazia

Naquela tarde, quando a viagem terminou, o Rodrigo, a Dália e eu, o Luís, saímos finalmente do carro e corremos para casa da avó, enquanto a mãe e o pai retiravam do porta-bagagem uma quantidade inacreditável de malas e sacos.

Ao contrário do que esperava, a porta das traseiras encontrava-se fechada e a avó não estava junto dela, com um sorriso de orelha a orelha e os braços abertos para nos receber. O pai procurou a chave debaixo de um vaso, abriu a porta e entrámos todos, gritando:

– Avó! Avó! Chegámos!

A segunda desilusão estava na cozinha... uma cozinha silenciosa, sem vida, sem os habituais tachos ao lume, sem o cheirinho das delícias que ela sempre prepara para nos dar as boas-vindas.

Importa esclarecer que a comida da avó é fabulosa. Naquela casa, até a sopa sabe bem. Os guisados, os assados, e mesmo os cozidos, são deliciosos. Os bolos, ainda no forno, começam a libertar um cheiro mágico que não nos deixa



pensar em mais nada enquanto não tivermos nas mãos uma fatia ainda morna, fofa e envolvida em creme de caramelo. Só tenho pena que a minha mãe não saiba cozinhar assim!

Desde que a Dália nasceu, todos os anos, uma semana das nossas férias é passada na aldeia da avó, e nunca aconteceu uma coisa destas. Nós tínhamos avisado que íamos chegar a meio da tarde... O que se teria passado? Porque é que a avó não estava à nossa espera para receber o “melhor abraço do mundo”, como ela costuma dizer?

O pai ficou preocupado, via-se na cara dele, embora tentasse disfarçar. Disse-nos para arrumarmos as bagagens e avançou pelo corredor em direção à sala de estar, ao fundo da qual ficava o anexo onde a avó instalara o seu quarto. Largámos as malas junto às nossas camas e corremos atrás dele, mantendo uma distância de segurança, porque a Dália estava com medo. O pai rodou a maçaneta e abriu devagar a porta do quarto da avó, chamando-a mais uma vez, sem obter resposta. A cama estava feita, vazia. Os comprimidos em cima da mesa de cabeceira e o candeeiro aceso sugeriam que ela voltaria em breve. Mas, para onde teria ido?

A mãe foi dar uma volta pelo quintal, o pai percorreu a casa de uma ponta à outra, sem falhar o sótão, enquanto os meus irmãos corriam, ora atrás de um, ora atrás do outro, sempre a gritar “avó”.

Por fim, juntámo-nos todos na sala, com ar desanimado.

– Deve ter ido comprar qualquer coisa e está mesmo a chegar. Ou alguma vizinha necessitou da ajuda dela – sugeriu o pai, mas a verdade é que nem ele parecia acreditar naquilo que dizia. Isso não explicava porque não havia nada pronto na cozinha. O mistério do desaparecimento da avó continuava por desvendar.





– Vou preparar qualquer coisa para comermos – disse a mãe, levantando-se.

Antes que tivesse tempo de chegar à cozinha, ouvimos pancadas na porta, o som da fechadura a abrir-se e uma voz conhecida a perguntar se estava alguém em casa.

Era a Celeste, a vizinha da avó, que costumava ajudá-la quando havia mais trabalho, e que eu conhecia desde puto. Escondida atrás dela, vinha uma miúda pequena, com aspeto sujo, que parecia ter entre os nove anos da Dália e os treze do Rodrigo.

– A Senhora Dona Maria do Rosário caiu do escadote esta manhã, quando tentava tirar as formas dos bolos do armário de cima. Ficou a queixar-se muito de dores na cabeça e num braço, que se pensou que podia estar partido. Foi levada para o hospital de Vila Real. Foi de ambulância com o Guilherme.

A notícia caiu como uma bomba. O pai apanhou as chaves do carro e a carteira e foi a correr para a rua, fazendo-nos sinal para seguirmos atrás dele.

– Posso ficar? – pediu a Dália.

– Se quiser ir só com a sua senhora, eu tomo conta dos meninos. Podem ir tranquilos – ofereceu-se a Celeste.

O pai ainda hesitou, mas depois deve ter chegado à conclusão de que devia ser melhor ficarmos, especialmente porque a Dália tornava-se impossível de aturar depois de muitas horas trancada no carro e ainda não recuperara da viagem.

– Luís, tu já tens dezasseis anos, ficas responsável pelos teus irmãos – disse-me.

Eu acenei com a cabeça, e respondi com o meu tom mais sério:



– Não se preocupem.

– Portem-se bem – foram as últimas palavras da mãe, antes de o carro desaparecer na curva da estrada.

– Venham, meninos, quero apresentar-vos a Marcelina – disse a Celeste, indicando a miúda suja.

– O meu nome é Lina, apenas Lina – declarou ela.

– Não sejas tonta! Marcelina é que é o teu nome, e até é um nome bonito.

– Chamo-me Lina! E quem me chamar outra coisa vai ter de se haver comigo! – avisou, olhando-nos com ar zangado.

A Celeste levantou a mão e assentou-a com força na cara da Marcelina.

– Se voltas a ameaçar os meninos, vais ver o que te faço, Marcelina Maria.

Receber uma bofetada daquelas à nossa frente era humilhante, e devia ter doído, mas a rapariga não se queixou e manteve um olhar de desafio que dizia sem palavras: “Podes bater-me à vontade, que não consegues nada.”

– Peço desculpa, meninos – a Celeste insistia em continuar a tratar-nos por meninos, o que me irritava um pouco.

– Ela é boa rapariga, mas tem esta mania de querer mudar de nome.

– Compreendo a Lina, eu também gostava de ter um nome diferente – afirmou a Dália, com um sorriso solidário.

A Marcelina retribuiu o sorriso, mostrando uma fileira de dentes brancos interrompida pela falta de um pedaço de um dente da frente, o que até lhe dava um ar engraçado.

– Bem, vou preparar-vos algo para lanchar. A Marcelina fica a fazer-vos companhia. Pode ser?

A rapariga lançou-lhe um ar furioso, mas manteve-se calada, e a Celeste desapareceu na cozinha da avó.



– A tua mãe é dura – comentou a Dália, fazendo-lhe uma festa no ombro.

– Ela não é minha mãe! Eu não tenho mãe! – gritou, afastando a minha irmã.

Felizmente a Celeste não a ouviu. Se tivesse ouvido, de certeza que a Lina não escaparia a mais uma palmada.

Por momentos, a conversa morreu. Ninguém se atrevia a dizer mais nada, com medo de provocar um novo ataque de fúria.

Estávamos na sala, a olhar uns para os outros, sem saber muito bem o que fazer, quando a Celeste chamou, avisando que o lanche estava pronto. Sobre a mesa da cozinha, havia leite, sandes de pão caseiro, bolos secos e uma taça das deliciosas cerejas brancas do Sr. Américo, o vizinho da avó.

– Então, a Marcelina Maria está a portar-se bem? – questionou a Celeste.

Olhei para a minha irmã, com curiosidade em saber se iria aproveitar para fazer queixinhas pela forma como fora tratada.

– Muito bem. Estamos a gostar muito da Lina – foi a resposta da Dália.

– Que bom! Vão comendo o vosso lanchinho que eu vou dar um salto a casa e logo, logo, estarei de volta.

Ficámos novamente sozinhos. Nenhum de nós os três parecia ter fome, ao contrário da Lina, que fez desaparecer num instante a sua parte do lanche. Depois de comer, ficou a olhar para as nossas sandes com tanta insistência que a Dália acabou por lhe oferecer a dela.

A minha irmã não costumava ter aquele tipo de atenções, pelos vistos simpatizara com aquela miúda. Melhor assim!



A Dália era a menina da casa, mimada pelo Rodrigo e por mim, que a adorávamos, mas a verdade é que era demasiado infantil para participar nas nossas atividades, sobretudo ali, na aldeia, pois não tinha resistência para nos acompanhar nos passeios pelo campo e não partilhava o gosto do Rodrigo por livros de aventuras, dragões e vampiros. Para ela, ter uma amiga com quem brincar devia ser o máximo. E, embora as duas não tivessem muito em comum, ali não havia alternativas.

A Lina só acabou de comer quando em cima da mesa apenas restavam migalhas. Era impressionante como conseguia caber tanta comida dentro de alguém tão pequeno. Levámos a loiça suja para a bancada e ela ofereceu-se para a lavar.

A minha irmã, que nunca ajudava em casa, ficou na cozinha, a fazer-lhe companhia e a secar a loiça. Percebi que trabalhavam em silêncio. Quando terminaram, juntaram-se a nós, na sala, frente à única televisão da casa, que só tinha quatro canais e uma qualidade de imagem que fazia lembrar o cinema antigo.

Quando o sol começou a desaparecer, a Celeste regressou para informar que “os paizinhos tinham telefonado a avisar que a avozinha estava em observação e iam continuar em Vila Real, para ela não ficar sozinha”. Preparou-nos o jantar, e ela e a Lina fizeram-nos companhia à mesa, embora nenhuma delas comesse nada. Reparei que a miúda não tirava os olhos da nossa comida. Mas, apesar da minha insistência para jantarem connosco, a Celeste não aceitou o meu convite, nem permitiu que a Lina o aceitasse. No final, as duas lavaram a loiça e partiram.

Como irmão mais velho, ajudei a Dália a deitar-se e li-lhe uma história, como a mãe costumava fazer todas as noites.



Depois, o Rodrigo e eu fomos juntos para o quarto onde os pais costumavam dormir, pois imaginei que a Dália ficaria mais tranquila se dormíssemos mesmo ao lado, em vez de ficarmos na outra ponta da casa.

Nessa noite, tive dificuldade em adormecer. Receava que a avó não conseguisse recuperar; ficara responsável pelos meus irmãos, mas tinha medo de não estar à altura se surgisse algum problema; e, para piorar ainda mais as coisas, dormir naquele quarto, cercado de fotografias dos meus antepassados que já tinham morrido, não me agradava nada. A sensação de que algo mau iria acontecer não me saía da cabeça.

Apeteceu-me ter alguém com quem falar, mas com a Dália não dava, e o Rodrigo já ressonava... e se acordasse o meu irmão para falar dessas coisas, iria ser gozado durante uma semana, no mínimo. Se ao menos a mãe ou o pai estivessem ali.



## Uma história de amor

O medo espantara o sono. O sino da igreja tocou as horas e soube que já passava da meia-noite. Ao meu lado, o Rodrigo dormia como uma pedra. Foi então que ouvi umas pancadas distantes, repetidas. Esperei. Pouco depois, chegou-me um som metálico, de algo a ser arrastado. Virei-me para o outro lado, tentando pensar numa explicação que não envolvesse as palavras “fantasmas”, “correntes”, “almas penadas” ou algo do género. Agradei o regresso do silêncio, fiz novo esforço para tentar dormir, mas não tardou a entrar-me no quarto o barulho do ranger de madeira. Talvez fosse uma janela que se tivesse aberto, pois pareceu-me sentir a brisa noturna a passar por baixo da porta e a roubar-me o calor. E o que era aquilo? Passos furtivos que o soalho velho não permitia disfarçar?! Seriam ladrões?

Acordei o Rodrigo, pedindo-lhe silêncio. Juntos, agarrámos em dois guarda-chuvas velhos que estavam pendurados no cabide, abrimos a porta e vimos o rasto da lanterna... Alguém avançava lentamente pelo corredor na nossa direção.



Encostámo-nos à parede e aguardámos. Quando o vulto passou por nós, fiz o guarda-chuva abater-se com força sobre ele, enquanto o Rodrigo procurava o interruptor.

Assim que nos acostumámos à luz que encheu a sala, percebemos que a pessoa que nos invadira a casa, e que estava agora caída no chão com uma mão na cabeça, era a Lina.

A Dália apareceu, com ar mal acordado, a perguntar o que se passava e assustou-se ao ver o fio de sangue na cabeça da amiga. A meu pedido, correu até à casa de banho, onde a avó guardava as “coisas de farmácia”.

Entretanto, eu, com o meu ar mais zangado, interrogava a Lina sobre o que estava ali fazer, entrando na nossa casa a meio da noite.

Antes que ela tivesse tempo de responder, a Dália regressou com a caixa de primeiros socorros. Desinfetei a ferida com imenso cuidado. Ao contrário do que esperava da parte de uma miúda, a Lina deixou-me fazer o tratamento sem *fitas* nem lágrimas, apesar de o único desinfetante disponível ser o álcool e de se perceber pela sua expressão que lhe ardia bastante.

– Estás bem? – questionou a Dália, com um ar tão sofrido como se a cabeça a sangrar fosse a sua.

– Estou ótima – respondeu a Lina, encolhendo os ombros.

– Mas, afinal, Marcelina Maria, o que vieste cá fazer? – O uso do nome completo foi propositado e os olhos dela chisparam, mas eu fiz de conta que não reparara, pois ainda tinha o coração aos saltos por causa do susto que nos pregara, e não estava com disposição para ser *bonzinho*. – O que te levou a invadir a nossa casa a meio da noite?



– Vocês foram meus amigos e por isso vim oferecer-vos um presente.

– E que presente é esse que não podia esperar até amanhã e que te faz agir como uma ladra? – questionei.

– Sim, onde está ele? – reforçou o Rodrigo, com ar acusador, olhando-a de alto a baixo à procura de algo que pudesse trazer escondido.

– Não lhes liguês. Eu acredito em ti. Sei que não vieste roubar nada – avançou a Dália. – Dói-te muito a cabeça?

– Eu estou bem, a sério, já não dói nada. – Depois, virando-se para mim, respondeu à minha pergunta: – O presente que vos quero oferecer está aqui! – exclamou, apontando para a testa. – O que vos quero oferecer é um segredo, um segredo que tem passado de geração em geração e que agora me pertence, o segredo dos descendentes de Merlin, o mago. E entrei na vossa casa pela janela porque, apesar de me faltar de bater, ninguém me abriu a porta.

– Então, aquelas pancadas... eras tu a bater à porta? E o som do arrastar...

– Sim, fui eu. Quem querias que fosse? Um fantasma? – corei ao ouvir o comentário. – Como não me abriram a porta, depois de eu me cansar de bater, fui buscar a escada de apanhar a fruta e arrastei-a até à janela da casa de banho. E não esperei até de manhã, pois o segredo é só para vocês, não é para mais ninguém. Gostaria que vissem algo, mas não quero adultos por perto.

– Desculpa ter-te magoado – pedi, arrependido. – Não imaginava que pudesses ser tu.

– Tens muita coragem. Eu nunca me atreveria a sair sozinha a meio da noite. E se me fizessem uma ferida dessas... – comentou a Dália, impressionada.